

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia por ocasião da visita às obras do Campus da Universidade Federal do ABC

Santo André-SP, 28 de setembro de 2007

Eu quero cumprimentar o nosso companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,

Cumprimentar o nosso companheiro Luiz Marinho, ministro da Previdência,

Cumprimentar o nosso querido ministro Franklin Martins, que está aqui conosco,

Cumprimentar o nosso magnífico reitor da Universidade Federal do ABC, professor Luiz Bevilacqua. É chique falar magnífico.

Quero cumprimentar o nosso querido deputado federal Frank Aguiar, que está aqui no nosso meio,

Quero cumprimentar o prefeito João Avamileno,

Depois o Frank vai cantar um forró.

Quero cumprimentar o companheiro Filippi, prefeito de Diadema,

Quero cumprimentar o nosso querido prefeito de Osasco que está aqui,

Quero cumprimentar os nossos companheiros deputados estaduais, deputados federais,

Quero cumprimentar o Montorinho, presidente da Câmara Municipal,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Luizinho, nosso ex-deputado federal, responsável direto por esta Universidade estar aqui no ABC.

Quero cumprimentar os professores, os funcionários e os alunos desta Universidade,

Quero cumprimentar meus companheiros aqui,

Eu queria que vocês atentassem para uma coisa importante. Vocês estão vendo aquela senhora que está sentada ali no canto? Aquela senhora, quem é metalúrgico sabe que é: a famosa “tia”, do bar do Sindicato do Metalúrgicos.

Aqui, só para você, Fernando Haddad, ter uma idéia – eu pensei que você ia citar e você não citou –, de 2003 a 2007 houve um avanço, um aumento de vagas nas universidades estaduais de apenas 16%, e nas universidades federais 72% aumentaram as vagas aqui em São Paulo. Se os números não estiverem certos, meu caro, depois você se vire e explique.

Mas eu queria conversar outro assunto com vocês, que para mim é extremamente importante. Quando nós viemos aqui, no ano passado, e isso aqui era apenas um barracão e tinha bastante gente aqui, eu saí com a impressão de que algumas pessoas saíram pensando que eu tinha vindo anunciar a Universidade apenas porque estava próximo das eleições. Veja, é importante que vocês saibam o que está acontecendo neste País, neste momento, que muitas vezes vocês não conseguem ver na televisão, muitas vezes vocês não conseguem ler na imprensa e, muitas vezes, vocês não conseguem ouvir no rádio. O que está acontecendo neste País é que nós estamos fazendo uma revolução que, se tivesse começado a ser feita há 50 anos, o Brasil hoje seria uma das três ou quatro maiores economias do mundo. Porque nós temos todas as condições. Acontece que, neste País, toda vez que se pensava em educação, a primeira palavra que vinha à boca dos governantes era a de que não se poderia fazer determinadas coisas porque gastava muito dinheiro, significava um custo muito alto. Qual é a contradição? A contradição é que cada centavo que a gente investir na educação hoje, a gente vai arrecadar 100 vezes mais quatro anos depois, quando o aluno estiver formado. A gente vai arrecadar muito mais.

Então, você não pode emprestar dinheiro para uma empresa construir um fábrica e dizer que é investimento, e fazer a universidade e dizer que é gasto. A universidade é um investimento tão importante ou mais importante que qualquer outro investimento que se faça em qualquer parte do mundo. Por quê? Porque a universidade faz uma reforma estrutural na cabeça da sociedade, ela deixa a sociedade mais competitiva com qualquer outra nação do mundo. É por isso que nós fizemos o Fundeb: foram 10 bilhões de reais a mais para o ensino fundamental. É por isso que nós aumentamos de oito para nove anos o tempo de permanência das crianças na escola. É por isso que nós aprovamos agora o Programa de Desenvolvimento da Educação. É por isso que nós estamos anunciando ao Brasil que, até 2010, nós vamos ter 10

universidades federais novas, vamos ter 48 extensões universitárias pelo Brasil inteiro e vamos ter mais 214 escolas técnicas profissionais neste País.

Prestem atenção: em 1909, Nilo Peçanha fez a primeira escola técnica neste País, na cidade de Campos, no Rio de Janeiro. Desde 1909 até 2003, são 93 anos. Em 93 anos, todos os governos que passaram pelo Brasil construíram apenas 140 escolas técnicas. Nós vamos construir, em 8 anos, 214 escolas técnicas neste País.

Estamos fazendo isso porque temos consciência de que ou o Brasil entra definitivamente na era do conhecimento e coloca dinheiro – porque precisa dinheiro, laboratório custa dinheiro, universitário custa dinheiro, professor custa dinheiro, afinal de contas, o conhecimento custa dinheiro – ou nós colocamos esse dinheiro ou, amanhã, o dinheiro que a gente não quis gastar na educação, a gente vai estar gastando em cadeia, a gente vai estar gastando em celas. É muito mais barato e muito mais produtivo para a sociedade a gente construir uma sala de aula, com uma janela aberta, arejada, do que construir uma cela com uma grade de ferro, totalmente cercada. Isso, nós estamos fazendo também porque nós queremos mostrar...

Eu sei o tanto que eu fui vítima de preconceito neste País, eu sei o tanto que foi difícil chegar à Presidência da República porque se criou o dogma, Beviláqua, de que só poderia ser presidente da República quem tivesse diploma universitário. Esse era o dogma, como se pudesse haver qualquer confusão entre a capacidade de gerenciar, a capacidade de tomar decisão política e a quantidade de anos de escola. Os anos de escola servem para 1 milhão de coisas, mas para decisão política é preciso, antes de tudo, saber de que lado se está e saber se tem consciência ou não de que lado a pessoa está governando ou está tomando posição.

Hoje, sem nenhum preconceito, eu acho que as pessoas que chegaram lá não fizeram o que nós estamos fazendo, Fernando Haddad, porque elas já tinham conquistado o seu diploma universitário. Se elas já tinham conquistado o seu diploma, para que mais aluno? Para fazer greve? Para criticar? Para levantar faixa? Para fazer passeata? Não, é mais aluno para competir com quem já é professor, é mais aluno para competir com quem já é deputado, com quem já é presidente. O que nós queremos, na verdade, é uma sociedade muito mais sábia, muito mais inteligente, muito mais preparada

intelectualmente, cientificamente, tecnologicamente. É isso que vai colocar o Brasil no patamar dos países altamente desenvolvidos.

Agora que a economia brasileira começou a crescer, a gente está sentindo falta de mão-de-obra qualificada, a gente está sentindo falta de mão-de-obra de engenheiros no Brasil, hoje. Ora, isso porque não se investiu há 10 anos e vocês sabem que para se formar um engenheiro, a gente não o forma num dia. Leva, no mínimo, 4 anos, e para ele ser um profissional qualificado leva 10 anos, 12 anos, porque depois de formado ele vai ter que estudar. Houve alguém, Fernando Haddad, que disse o seguinte: “Não, 5 anos para engenharia é muita coisa, 6 anos para medicina é muita coisa, 5 anos para advogado é muita coisa”. Havia quem propusesse que a gente diminuísse os anos de permanência dos alunos na universidade, para colocar mais gente. Na verdade, a gente não queria que as pessoas tivessem conhecimento, a gente queria que as pessoas tivessem um diploma, e o diploma só tem sentido se junto com o diploma tiver o conhecimento. O canudo pelo canudo não vale nada porque nós já temos experiência de algumas faculdades no Brasil que formam pessimamente as pessoas.

Uma outra coisa extremamente importante, companheiras e meus companheiros: a economia brasileira vive um momento auspicioso. A economia brasileira, hoje, vocês estão lembrados que antes de nós chegarmos à Presidência da República o Brasil devia ao FMI, devia ao Clube de Paris, não tinha crédito para as suas importações. O que acontece hoje? Hoje, nós temos 162 bilhões de dólares em reservas. Tem uma crise nos Estados Unidos e nós não estamos nem um pouco preocupados com a crise dos Estados Unidos. A economia brasileira está crescendo, a construção civil, que ficou 20 anos sem crescer neste País, está crescendo a 20%. Nós, hoje, temos uma matriz energética invejável, por isso estamos andando o mundo e discutindo a questão do biocombustível, seja o biodiesel, seja o etanol.

Quando alguém levanta o argumento de que se for plantar biocombustível vai faltar alimento no mundo, eu fico pensando: olhe o mapa do continente africano, lá não se planta um pé de cana, por que tem fome lá? Lá tem fome porque a questão da fome no mundo, hoje, não é falta de alimento, é falta de dinheiro para comprar alimento, porque o avanço na biotecnologia é tanto, que hoje a gente colhe cada vez mais numa área menor plantada. O

exemplo é a cana. Hoje nós colhemos, por hectare, 4,5 vezes o que a gente colhia em 1975. Então, o Brasil hoje se apresenta para o mundo como o país detentor de uma nova matriz energética na área de combustíveis. Aqui deve ter muita gente com carro *flex fuel*, é uma novidade brasileira de causar inveja ao mundo. Logo, logo vamos ter ônibus aqui a biodiesel, para a gente poder pegar o nosso petróleo, vender e ficar utilizando o nosso combustível verde.

Eu digo sempre o seguinte: uma plataforma de petróleo custa 2 bilhões de dólares, para fazer prospecção de 200 barris/dia. Uma plataforma, quando está sendo construída, gera mais ou menos 7 mil empregos. Quando ela está pronta, vai gerar 700 empregos definitivos. Agora, para fazê-la, precisa ter autoconhecimento tecnológico. Então, poucos países têm, 9 ou 10 países têm petróleo no mundo e poucos países têm condições de fazer plataforma. O Brasil tem. Agora, vejam uma coisa engraçada. O Brasil tem porque nós compramos uma briga. Em 2002, a grande briga que nós fizemos era dizer que a engenharia brasileira tinha capacidade de fazer plataforma aqui. Os nossos adversários diziam que o Brasil não tinha capacidade e hoje nós estamos fazendo grande parte das plataformas aqui, nos estaleiros brasileiros.

Mas não é apenas isso. Vejam, é que o biocombustível, qualquer ser humano do planeta Terra sabe cavar um burquinho com a mão, plantar um pé de girassol, plantar um pé de mamona, plantar um pé de pinhão manso, plantar um pé de dendê, plantar um pé de algodão, pode plantar um pé de cana. Qualquer analfabeto do mundo vai poder produzir o petróleo do País.

Então, quando eu penso no biocombustível, eu penso é no Brasil e nos países ricos fazerem parcerias com os países mais pobres da América Latina, com os países mais pobres da África, e em vez de ficar só comprando dos príncipes das arábias, a gente poder comprar dos pobres presidentes da África, gerando emprego e distribuição de renda naquele país.

Para terminar, meu caro Bevilacqua, eu fui ali ver a maquete, e tem umas coisas que terminam em 2008 e outras que terminam em 2009. Mas nós já temos o dinheiro em caixa, já foi licitado. Então, eu pedi para o Bevilacqua, a gente não tem que esperar 2009, Bevilacqua, a gente tem que inaugurar esta Universidade em 2008. Olhe que data bonita, 27 de setembro de 2008, para a gente inaugurar a Universidade. Nós temos o dinheiro, temos o trabalhador, temos os estudantes, temos as necessidades. Portanto, eu acho que está na

hora da gente fazer.

A Universidade de São Bernardo do Campo, nós tínhamos um pequeno problema, o terreno que a prefeitura nos ofereceu era um terreno perto daquela rodovia Cacique Tibiriçá, da Índio Tibiriçá. Eu, como sou pescador da represa Billings, ou seja, do tempo em que ela tinha muito peixe, eu fiquei preocupado porque aquela região, tem uma época do ano em que ela faz uma cerração que a gente não enxerga um palmo na frente do nariz. E eu fiquei pensando: milhares de jovens de carro tendo que ir para a universidade à noite, pegando um tempo que não permitia que eles dirigissem. Então, eu preferi ordenar ao companheiro Ministro da Educação que pedisse para a Caixa Econômica Federal vir a São Bernardo fazer a apreciação de um terreno que tinha aqui na prefeitura. Nós decidimos comprar um terreno por 50 milhões de reais e vamos fazer a universidade no centro de São Bernardo do Campo, porque facilita para o povo de Santo André, para o povo de São Paulo, para o povo de Diadema, para o povo de Mauá, para o povo de Santos e, obviamente, para o povo de São Bernardo do Campo. Logo, logo, nós vamos fazer o mesmo que estamos fazendo aqui em Osasco. E depois também em Mauá porque Mauá, não sei se você sabe, Fernando Haddad, também faz parte do ABC, então precisa colocar Mauá aqui na história.

O dado concreto, Bevilácqua, é que eu queria te dar os parabéns, não só pelo carinho com que você tem tratado este projeto. Dar os parabéns ao ministro Fernando Haddad, que não tem medido esforços para que a gente cumpra todas as nossas metas. Veja que absurdo, Fernando, parece ironia do destino: um metalúrgico que não tem um diploma universitário vai passar para a história como o presidente que mais fez universidades e escolas técnicas no mandato. Parece ironia do destino, mas tem uma coisa que eu quero que vocês saibam: quando a gente coloca um filho no mundo, a gente quer que o filho sempre seja melhor do que a gente. Vocês podem ter certeza de que o pai de vocês quer que vocês sejam melhores do eles, a mãe de vocês quer que vocês sejam muito melhores. E eu, na verdade, quando chego à Presidência da República, o que a gente quer? A gente quer que a nossa juventude tenha as oportunidades na vida que eu não tive quando eu tinha a idade de vocês. Nós temos que garantir para vocês o que não garantiram para mim.

Por último, companheiros, quero aproveitar que tem muito jovem aqui,

nós lançamos na semana passada um programa para a juventude brasileira. Nós estamos tentando resgatar 4 milhões e 200 mil jovens de 15 a 29 anos de idade, pessoas que já desistiram da escola, alguns não terminaram o ensino fundamental. A gente está tentando trazer, até 2010, esses 4 milhões e 200 mil jovens para a escola outra vez. E, por conta disso, a gente vai pagar uma ajuda de custos para esse jovem voltar a estudar, aprender uma profissão e voltar a trabalhar.

Com relação à Fundação, companheiros, veja, primeiro vocês são inteligentes e sabem que o governo federal não tem como fazer, se não houver um pedido da Fundação para uma conversa com o ministro da Educação, para poder ver se encontra uma solução. É uma universidade municipal que, portanto, não está subordinada às possibilidades federais. Agora, como independentemente disso vocês são estudantes brasileiros e, portanto, merecem ser tratados com a mesma dignidade das universidades federais que nós estamos fazendo aqui, eu queria pedir, Fernando Haddad, que depois você tivesse uma conversa com o João Avamileno, com o reitor da Universidade, aqui, Beviláqua, para ver se a gente consegue encontrar uma solução. Não me peçam, que eu não posso destituir reitor. Eu não posso eleger e não posso destituir, essa é uma questão do corpo docente, dos alunos da escola, dos funcionários. Eu só quero dizer o seguinte: naquilo que a gente puder ajudar, a gente vai ajudar. Se a gente não puder ajudar, a gente não se mete, porque é muito melhor ficar onde a gente está.

Um grande abraço a vocês e até 27 de setembro do próximo ano.